



**AS PERCEÇÕES SOBRE A CONJUGALIDADE DOS
PAIS, SATISFAÇÃO COM A VIDA E AS
EXPERIÊNCIAS PRÓXIMAS
DOS FILHOS**

Soraia Raquel Pinto Brito

**Dissertação Apresentada ao ISMT para Obtenção do Grau de Mestre em
Mestrado em Psicologia Clínica – Ramo Família e Intervenção Sistémica**

**Orientadora: Professora Doutora Joana
Sequeira**

Coimbra, 2013

Agradecimentos

Gostaria de agradecer...

À minha orientadora, Professora Doutora Joana Sequeira, pelo seu acompanhamento, ensinamento e referência ao longo destes anos académicos e, em especial, ao longo da construção deste trabalho.

À Doutora Carla Crespo, por ter sido também parte integrante deste projeto de investigação, a sua permanente ajuda e dedicação foram ingredientes essenciais para a sua elaboração.

Ao Instituto Superior Miguel Torga, por me ter fornecido condições para progredir no meu nível de conhecimento e para a realização deste estudo.

À Escola Superior de Desporto de Rio Maior, por me ter possibilitado a realização deste trabalho.

A todos os Estudantes Universitários, que colaboraram no preenchimento da bateria de instrumentos deste estudo.

Aos meus colegas de estágio, em especial à Cátia Alves e Mariana Lucas, pelas suas sugestões, experiência e amizade que foram ferramentas imprescindíveis ao longo do tempo.

À minha família, especialmente aos meus pais, irmão e avós, que foram a escola da minha vida, pois foram eles que me deram a bagagem suficiente para começar a percorrer a escadaria da evolução e transformar-me ao longo do caminho.

Ao meu namorado e companheiro, por toda a paciência que teve comigo, pela sua presença e ajuda incansáveis e pela força e segurança que me deu sempre ao longo destes dois anos, nos momentos de maior desânimo.

À Dona Graça, pois permitiu-me chegar aonde me encontro hoje e foi o meu amparo quando mais precisei.

À Catarina, pela sua tranquilidade e amizade nos últimos tempos.

Aos restantes significativos, pelas aprendizagens que me proporcionaram e continuam a proporcionar, com as suas experiências de vida.

Resumo

Objetivos: Este estudo tem como objetivo analisar as percepções dos estudantes universitários face à conjugalidade dos pais e as suas percepções sobre as relações amorosas e a satisfação com a vida.

Metodologia: o protocolo de avaliação era composto por 4 questionários: *Questionário sobre a Conjugalidade dos Pais* (Crespo et al, em preparação); a *Escala de Satisfação com a Vida* (Neto, 1993), *Questionário sobre Experiências em Relações Próximas* (Moreira et al, 2006) e o questionário sociodemográfico para a caracterização da amostra.

Participantes: Participaram neste estudo 172 estudantes. Noventa e um são do sexo masculino e 81 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 18 e os 58 anos, com uma média de 23.04 ($DP=6.78$). Dos 172 participantes, apenas 96 estão numa relação amorosa (47 do sexo masculino e 49 do sexo feminino).

Resultados: Os homens e os participantes deste estudo que fazem parte de famílias intactas perceberam uma conjugalidade dos pais mais satisfatória; por outro lado, os participantes numa relação amorosa e os que fazem parte de famílias intactas perceberam maior satisfação com a vida. Os participantes entre os 25 e os 58 anos, perceberam maior evitamento nas suas relações.

Conclusões: Deste trabalho conclui-se que os participantes têm uma percepção da conjugalidade dos pais positiva e estão, na globalidade, satisfeitos com a vida mas percebem grande evitamento e preocupação nas suas relações amorosas. Conclui-se ainda que não existe uma correlação entre a percepção da conjugalidade dos pais e as experiências em relações próximas, nem com a percepção de satisfação com a vida.

Palavras-chave: *Conjugalidade dos pais; satisfação com a vida; evitamento; preocupação; relações próximas.*

Abstract

Objectives: This study examines the general perceptions of university students about their parents' marital relationship, their romantic relationships and life satisfaction.

Methodology: The research protocol for this study comprised *The Questionnaire about Parents' Marital Relationship* (Crespo et al., in preparation), *the Life Satisfaction scale* (Neto, 1993), *the Questionnaire on Experiences in Close Relationships*, (Moreira et al., 2006) and a sociodemographic questionnaire..

Participants: 172 students participated in this study, of which 91 were male and 81 female, aged between 18 and 58 years old, with an average age of 23.04 ($SD = 6.78$). From the total of 172 participants, only 96 were in a romantic relationship; out of these 47 were male and 49 female.

Results: Men and participants from intact families reported a better perception of parents' marital relationship; participants in a romantic relationship and from intact families had greater life satisfaction and participants between 25 and 58 years old perceived more avoidance in their relationships.

Conclusion: Participants have a positive perceptions of parents' marital relationship are satisfied with life, however they perceive anxiety and avoidance in their romantic relationships. We also conclude that there is no correlation between the perception of parents' marital relationship and their experiences in close relationships and perception of life satisfaction.

Keywords: *Parents' marital relationship; life satisfaction; avoidance; anxiety; close relationships.*

ÍNDICE

1. Introdução	1
2. Metodologia	12
2.1. Objetivos do estudo	12
2.2. Participantes	13
2.3. Procedimentos	14
2.4. Instrumentos	15
3. Resultados	18
3.1. Percepção da conjugalidade dos pais	18
3.2. Percepção de Satisfação com a vida	19
3.3. Percepção Das Experiências em Relações Próximas	21
3.4 Análise correlacional.....	23
4. Discussão Dos Resultados.....	24
5. Conclusões.....	30
6. Referências Bibliográficas.....	32
7. Apêndices.....	36

“Bowen descobriu que a família permanece dentro de nós.
Onde quer que vamos, levamos reatividade emocional não resolvida com os nossos pais, na
forma de vulnerabilidade para repetir os mesmos padrões em cada nova relação que
construímos. Os temas não resolvidos com a nossa família de origem são a mais importante
tarefa não resolvida da nossa vida”

(Nichols & Schwartz, 1998, p.142)

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende explorar as relações entre a percepção da conjugalidade dos pais, a satisfação com a vida e as experiências de vinculação ao par amoroso dos filhos, que são os participantes deste estudo.

O paradigma sistémico conceptualiza o sistema familiar como um todo, constituído por vários subsistemas - conjugal, parental, filial e fraternal - que formam as partes desse todo (Morin, 1990). Contudo, o sistema familiar está integrado num contexto, que inclui a família alargada e outros sistemas externos, como os amigos, trabalho, entre outros e, por isso, é também, parte de um todo mais complexo (Morin, 1990).

A família é um sistema que tem uma forte influência na criação de significados, percepções, narrativas e comportamentos dos indivíduos e, por isso, influencia as interações com os outros.

Segundo uma perspectiva transgeracional sistémica, a transmissão de padrões comportamentais e emocionais, como por exemplo, as regras de interação, os valores, os estilos parentais, costumes e mitos da família são transmitidos de geração em geração (Sampaio & Gameiro, 2005). As experiências vividas e observadas no contexto familiar influenciam a aprendizagem de padrões de relacionamento e a forma como os indivíduos percebem a realidade (Azeiteiro, 2007).

Segundo Mendonça (2006) os padrões interacionais familiares tendem a repetir-se ao longo das gerações. A família de origem produz modelos de comportamento, que são transmitidos às gerações seguintes e os padrões de comunicação, as crenças, as regras e os modelos de afetividade são parâmetros para a construção das relações (Mendonça, 2006). Neste mesmo sentido, a forma como o casal interage e estabelece a sua relação conjugal, ou seja, o seu próprio modelo conjugal, está também pontuado pelo modelo de conjugalidade das respetivas famílias de origem (Mendonça, 2006). Segundo Alarcão (2002), cada indivíduo constrói um modelo de vida pessoal, conjugal e familiar que, posteriormente vai ser negociado com o futuro cônjuge. Quanto mais claro estiver e autónomo for esse modelo, face ao das famílias de origem, maior probabilidade existe de se criar e negociar um terceiro modelo de conjugalidade, considerado fundamental à formação do novo par (idem). Numa perspectiva transgeracional, o processo de diferenciação de cada um, face às famílias de origem é extremamente importante. A fusão emocional das famílias pode ser manifestada pela necessidade explícita de união ou através de uma pseudo-independência (Nichols & Schwartz, 1998). Quando a diferenciação é conseguida, há um equilíbrio entre união e

independência entre os membros familiares, isto é, há um contacto emocional genuíno ao mesmo tempo que existe um espaço individual (Nichols & Schwartz, 1998). O equilíbrio só é possível quando a proximidade emocional é mantida através de momentos de afastamento e intimidade entre os membros familiares. O afastamento e intimidade necessários parecem não ser conseguidos pelos cônjuges, que se mantêm emocionalmente indiferenciados dos seus progenitores (Sampaio & Gameiro, 2005). É, por isso, necessário sair da família nuclear e ir ao encontro da família alargada para aceder a esta realidade, que pode condicionar o funcionamento da família atual e que passa de geração em geração (Nichols & Schwartz, 1998). É então a partir da forma como o indivíduo percebe o relacionamento dos pais, que este constrói um modelo de relação com o par amoroso. Desta forma, a escolha do par é pontuada pelos valores e expectativas de cada indivíduo, mas também com as ideias transmitidas pelos pais acerca das características desejadas num parceiro (Azeiteiro, 2007).

Woltinger (2003 cit in Silva, Menezes & Lopes, 2010) investigou o efeito do divórcio parental na escolha do cônjuge e concluiu que os filhos de pais divorciados tendem a casar-se com pessoas que vivenciaram a mesma experiência. Bereczkei et al (2002 cit in Silva, Menezes & Lopes, 2010) estudaram as semelhanças físicas existentes entre o cônjuge e a figura parental do sexo oposto e observaram que em mais do que trezentas fotografias de familiares, foram identificadas semelhanças entre noras e sogras, mais até do que entre estas últimas com os próprios filhos.

Ainda sobre a transgeracionalidade nos padrões de funcionamento familiar, os estudos sobre a violência familiar têm sido os que mais evidenciam a importância das famílias de origem nas relações atuais de conjugalidade. Santos e Moré (2011) estudaram o impacto da violência na dinâmica relacional familiar, assim como a sua transgeracionalidade em famílias de mulheres vítimas de violência conjugal. A amostra foi constituída por dez mulheres do sul do Brasil. Foram utilizados como instrumentos de avaliação, uma entrevista semiestruturada e a construção do genograma familiar. Constataram a transgeracionalidade da violência, uma vez que as famílias de origem destas mulheres apresentam igualmente um padrão de relação familiar violenta (Santos & Moré, 2011).

Silva, Menezes e Lopes (2010) estudaram as motivações para a escolha do cônjuge, considerando a transgeracionalidade e a procura de semelhanças e complementaridades. Participaram neste estudo cinco casais adultos, residentes no estado do rio grande do sul, os quais no semestre anterior ao seu casamento não moravam juntos. Foram utilizadas entrevistas individuais semiestruturadas e os resultados evidenciam a presença de motivações

transgeracionais, baseadas nos modelos parentais, que apontam para a procura no par por semelhanças, mais do que por complementaridades (Silva, Menezes & Lopes, 2010). Destacou-se ainda a importância dos modelos aprendidos na família de origem como referência a ser seguida ou evitada. Na narrativa de nove participantes, observou-se uma relação significativa entre o relacionamento conjugal dos seus pais e a sua própria relação conjugal (Silva, Menezes & Lopes, 2010).

Azeiteiro (2007) estudou as interações conjugais violentas, focando a comunicação, a definição de limites e a transgeracionalidade. Participaram nove casais, acompanhados no serviço de violência familiar e foram analisados a três níveis: a família de origem de cada elemento do casal, a díade conjugal e a família nuclear. Concluiu-se que a relação com as famílias de origem é determinante nas histórias de violência conjugal, nomeadamente na forma como se processa a autonomização e a diferenciação dos indivíduos face às mesmas (idem). Em oito dos nove casais, existia história de violência familiar entre os pais, emergindo nas narrativas dos participantes a transgeracionalidade marcada por redundâncias e semelhanças que se repetem ao longo das gerações (Azeiteiro, 2007).

Markowitz (2001), estudou o papel das atitudes na repetição da violência familiar, em 74 homens que foram reencaminhados por tribunais municipais numa cidade do meio-oeste para um programa de tratamento. Concluiu que as crianças com maior exposição à violência familiar têm, futuramente, maior tendência para se envolverem em relações violentas com os filhos e cônjuges (Markowitz, 2001). Como tal, a exposição à violência conduz à legitimação da sua utilização como meio de resolução de problemas.

O'Keefe (1998) estudou os fatores protetores e os preditores na repetição da violência, numa amostra de adolescentes (1.012 alunos em escolas públicas em Los Angeles) que testemunharam altos níveis de violência interparental. Observou-se que estes adolescentes repetem os mesmos padrões de violência nas suas relações de namoro.

Skuja e Halford (2004) estudaram como a violência familiar coloca os indivíduos em risco de desenvolver uma comunicação disfuncional nos seus relacionamentos adultos. Participaram trinta jovens expostos à violência nas famílias de origem (grupo exposto) e trinta jovens não expostos à violência nas famílias de origem (grupo não exposto). Ambos os grupos foram filmados com o objetivo de “discutirem” um dilema com os seus parceiros de namoro. O grupo exposto manifestou comportamentos agressivos e uma comunicação disfuncional na discussão do tema em comparação com o grupo não exposto (Skuja & Halford, 2004). Os défices de gestão de conflitos e as agressões no grupo exposto, sugerem

que esses indivíduos estão em alto risco de desenvolver relacionamentos agressivos (Skuja & Halford, 2004).

Segundo Alarcão (2002), o casal é composto por três elementos: o eu, o tu e o nós, que devem existir em simultâneo, mas de forma ponderada e articulada. O eu e o tu correspondem à individualidade dos sujeitos, ou seja, a toda a sua dimensão interna e o nós engloba o casal, ou seja, toda a dimensão externa. Para além disso, o nós integra também as experiências vividas no “casal” das respetivas famílias de origem e as histórias criadas sobre a conjugalidade nestas famílias (Alarcão, 2002). Contudo, o nós sofre ainda a influência das narrativas da comunidade e da sociedade em que as pessoas vivem. Como já foi referido, na formação do casal os dois elementos devem diferenciar-se das suas famílias de origem, para a criação de um modelo conjugal próprio. Contudo, quando este processo não é conseguido, é provável que haja uma recriação/repetição do modelo conjugal dos respetivos pais, numa tentativa de preencher e resolver falhas emocionais (Sampaio, 2012).

O conceito de conjugalidade é também definido, segundo Comin e Santos (2011), como a criação de uma zona comum de interação, que favorece a construção de uma identidade conjugal. Nesse sentido, a conjugalidade é o entrelaçar de duas individualidades que dão início à construção de uma identidade comum, um espaço que é continuamente construído, renegociado e transformado pelos cônjuges, a partir da proximidade e intimidade conjugal (idem).

Estudos relativos à satisfação conjugal focam fatores como a interação conjugal, a resolução de problemas conjugais, o significado da união para o casal, as dificuldades no estabelecimento dessa conjugalidade, entre outros aspetos (idem). No sentido de abordar de forma mais objetiva a importância da conjugalidade dos pais Ziviani, Carneiro e Magalhães (2011), desenvolveram um instrumento de avaliação da conjugalidade dos pais (QCP). Este instrumento avalia o modo como a conjugalidade dos pais é percebida pelos filhos (Comin & Santos, 2011). Outro estudo realizado por Souza e Silva (2005) tinha como objetivo estudar a importância do laço conjugal no projeto de vida dos jovens solteiros, a partir da percepção que estes tiveram face à conjugalidade dos pais. Os resultados mostram que não houve diferenças no grau de satisfação conjugal percebido, face à conjugalidade dos pais, entre o género masculino e feminino, independentemente da situação conjugal dos pais. Contudo, os pais casados foram percebidos pelos filhos como tendo maior satisfação conjugal comparativamente com as percepções dos filhos em que os pais não são casados (Souza & Silva, 2005).

Outro estudo Brasileiro realizado por Mendonça (2006) teve como objetivo investigar a influência das famílias de origem na construção do laço conjugal, e foi aplicado também, o Questionário sobre a conjugalidade dos pais (QCP) para identificar o grau de satisfação conjugal dos pais, na perspectiva dos filhos (Mendonça, 2006). Neste estudo concluiu-se que a família de origem influencia a formação do laço conjugal, uma vez que se observou a transmissão e repetição de padrões, ao longo das gerações. As identificações parentais, o modelo de comunicação conjugal dos pais, os seus valores, crenças, medos e desejos, foram variáveis que se perpetuaram ao longo de, pelo menos, três gerações (Mendonça, 2006).

Em Portugal, não há nenhum estudo realizado com o QCP, sendo este trabalho o primeiro, e está integrado na validação do QCP para a população portuguesa.

As relações amorosas e, em particular a conjugalidade, têm sido estudadas na perspectiva das relações de vinculação. A vinculação envolve processos emocionais complexos, sendo por isso, a emoção o centro da vinculação. São as emoções que nos dizem quais as nossas motivações e necessidades, elas são a “música da dança da vinculação” (Johnson, 2004). O medo e a incerteza, são emoções que ativam a necessidade de o indivíduo se vincular aos outros, em situações negativas geradoras de stress e impotência. Os comportamentos de vinculação são, portanto, ativados na procura de proximidade com alguém significativo (figura de vinculação) que gere a segurança e o conforto (idem). A chave para a proteção das emoções negativas é vincularmo-nos aos outros. Assim sendo, a vinculação fornece uma base, na qual os indivíduos exploram o meio e se adaptam ao mesmo. Uma vinculação segura promove a capacidade para arriscar, conhecer, aprender e integrar e, desta forma, permite atualizar os modelos relacionais, uma vez que através de uma relação vinculativa, aprendemos a refletir sobre nós próprios, sobre os outros e sobre a própria relação (Johnson, 2004).

A vinculação, segundo Donley (1993 cit in Pontes, Silva, Garotti & Magalhães, 2007), não se pode resumir às relações diádicas (mãe-criança, pai-criança, ou ainda pais-criança), e deve ser contextualizada nas relações entre todos os elementos familiares, de forma não-unidirecional, mas circular. Também o contexto envolvente, ou seja, a rede pessoal e social dos indivíduos deve ser considerado pois, para além da família, podem existir pessoas significativas que assumem papéis cuidadores e afetivos importantes.

A cultura é mais uma variável a incluir na compreensão da vinculação na medida em que oferece um contexto e pontua as regras sobre como os indivíduos se relacionam, o que inevitavelmente varia de cultura para cultura (Pontes, Silva, Garotti & Magalhães, 2007).

A figura de vinculação começa, geralmente, por ser um dos pais, sendo normativo que mais tarde, passe para os amigos e, posteriormente, para o parceiro amoroso, mas esta transição não é linear e, em alguns casos, a figura de vinculação mantém-se, noutras os pais nunca foram esta figura, tendo assumido este papel outras pessoas significativas (Pinto, 2009).

Os modelos de vinculação são padrões relacionais, comportamentais e psicológicos e são transmitidos de geração em geração, portanto, de pais para filhos. As transmissões intergeracionais fazem-se pelo idêntico ou inverso do que os pais fizeram com os seus filhos. Isto é, quando um modelo interno de funcionamento se instala, este serve de filtro e padrão para outras relações (Bayle & Martinet, 2008). Quando este funcionamento é desajustado, o indivíduo tem dificuldades em integrar novas informações e ajusta-se, deste modo, ao modelo dos progenitores. De acordo com a teoria da vinculação, não existe uma independência completa, pois o indivíduo tem uma necessidade inata de se vincular ao longo da sua vida. Segundo Johnson (2004), dependência segura e autonomia são dois lados da mesma moeda, isto é, quanto mais as relações forem seguras, mais indiferenciados podemos ser, e isso, implica a manutenção do sentimento de interdependência, ao invés de uma auto-suficiência ou, pelo lado oposto, uma excessiva fusão emocional face aos outros.

Hazan e Shaver (1987) propuseram que a teoria da vinculação de Bowlby poderia ser alargada às relações amorosas, processo que denominaram de “vinculação romântica”. A relação com a pessoa amada é a base principal da regulação das emoções (Johnson, 2004). Considera-se que as pessoas desenvolvem modelos de funcionamento interno que incluem expectativas, crenças e objetivos, acerca do próprio e dos outros, que orientam os seus pensamentos, emoções e comportamentos nos relacionamentos amorosos (Crespo, 2007). A teoria da vinculação enfatiza a importância dos processos de proximidade e intimidade no desenvolvimento e na manutenção da confiança e segurança nas relações amorosas (Vaz, 2011). A intimidade é um processo intra e interpessoal, que se concretiza quando o “eu” e o “tu” se encontram na relação e a proximidade focaliza-se no processo interpessoal da relação, isto é, no “nós” (Crespo, 2007). Segundo Sampaio (2012) cada cônjuge tem que fazer um movimento constante para conhecer a sua dimensão interna, o eu e o tu, ao mesmo tempo que deve construir a dimensão do relacionamento, o nós, que só pode ser feita através de uma procura contínua de proximidade. Isto é, uma permanente auto-análise realizada por cada cônjuge, que visa a reflexão de valores, de expectativas face à intimidade e reciprocidade que, posteriormente, se atualizam na proximidade da relação (Sampaio, 2012). A vinculação

romântica abarca, portanto, duas dimensões distintas, a ansiedade/preocupação (correspondente a preocupações relacionadas com o medo de ser abandonado ou rejeitado pelo parceiro amoroso) e o evitamento (referente ao desconforto com a proximidade e dependência, refletindo a necessidade do indivíduo manter distância emocional do parceiro).

Nem todas as relações amorosas podem ser consideradas relações de vinculação, para que tal aconteça, é necessário que estejam presentes quatro características que Bowlby (1988) definiu como específicas de uma relação de vinculação: porto de abrigo, base segura, manutenção de proximidade e perturbação na separação. A função de porto de abrigo refere-se à segurança e conforto que a figura de vinculação proporciona, como amortecedor do stress vindo de outros contextos externos à relação conjugal; a base segura refere-se à capacidade da figura de vinculação garantir um sentimento de segurança, que permita a estabilidade necessária para o cônjuge poder explorar outros contextos e novas formas de atuação; na manutenção de proximidade, a figura de vinculação permite ao indivíduo procurar comportamentos que têm como objetivo manter a proximidade, face a qualquer ameaça externa, fortalecendo a união do casal; e a perturbação da separação, implica que as repostas de atenção e conforto por parte da figura de vinculação não sejam cumpridas, dando-se a perturbação de separação, a qual posteriormente, irá ser processada de formas diferentes, consoante o estilo de vinculação amoroso que pode ser seguro, evitante, ou ansioso-ambivalente (Bowlby, 1988). Diversos autores têm procurado distinguir as relações de vinculação na idade adulta de outras estabelecidas, salientando a sua singularidade de promoção de segurança e pertença (Canavarro, Dias & Lima, 2006).

Hazan e Shaver (1987 cit in Pinto, 2009) estudaram as influências da vinculação na criança e no adulto, colocando a hipótese que os estilos de vinculação na criança, propostos por Ainsworth (1978 cit in Brás, 2008), poderiam ser aplicados às relações entre adultos. As relações amorosas que se estabelecem na fase adulta podem traduzir os estilos de vinculação desenvolvidos entre os filhos e os progenitores na infância.

Os estilos de vinculação foram definidos por Ainsworth (1978 cit in Brás, 2008) como seguros, evitantes ou ambivalentes/ansiosos. Assim, indivíduos que tiveram dos seus progenitores, estilos de vinculação seguros, tendem a apresentar valores mais elevados em reciprocidade e orientação para a intimidade nas suas relações amorosas, comparativamente com os estilos ansiosos/ambivalentes de vinculação (Pinto, 2009).

Feeny e Noller (1990 cit in Brás, 2008) verificaram que sujeitos com um estilo seguro de vinculação romântica referiam ter experiências positivas nas suas relações familiares, durante

a infância, face aos sujeitos com um estilo ansioso/ambivalente, que evocavam a falta de suporte familiar.

É de realçar que sujeitos que tiveram uma vinculação tipo evitante com os seus progenitores, tendem a experienciar nas suas relações medo da proximidade, e os que tiveram uma vinculação ansiosa/ambivalente com os seus progenitores, tendem a revelar ciúmes, emoções ambivalentes e, simultaneamente, desejos de intimidade (Brás, 2008).

Dos estudos realizados em Portugal, Moreira (2006) estudou a possibilidade de existência de um estilo de vinculação específico para cada relação, com base na utilização do questionário sobre as Experiências em Relações Próximas - ERP. Participaram estudantes universitários de Psicologia, Educação, Sociologia e Gestão de duas instituições do ensino superior situadas em Lisboa e responderam ao ERP para 5 relações (pai, mãe, melhor amigo do mesmo sexo, parceiro romântico ou melhor amigo do sexo oposto, outra pessoa próxima). Foram avaliadas as duas dimensões fundamentais do estilo de vinculação nas relações próximas, presentes no ERP, a preocupação e o evitamento e foi, posteriormente, examinado se os indivíduos apresentam o mesmo estilo de vinculação em diferentes relações (Moreira, 2006). Os resultados deste estudo mostram a necessidade de se considerar características específicas das relações, onde a presença do evitamento reflete a representação dos outros, sendo, por isso, específico das relações. Enquanto a preocupação tenderá a refletir a representação de si próprio e, nesse sentido, será relativa à pessoa (Moreira, 2006).

Brás (2008) procurou compreender a influência da alexitimia e do estilo de vinculação no desencadeamento e manutenção da perturbação de pânico, numa amostra de pacientes com perturbação de pânico e noutra amostra com pacientes deprimidos (Brás, 2008). Neste estudo foi usado o ERP. Concluiu-se que tanto a alexitimia como o estilo de vinculação têm uma influência significativa na perturbação de pânico, ou seja, em ambos os grupos foi encontrada alexitimia e um estilo de vinculação inseguro evitante (Brás, 2008).

Vaz (2011) analisou a vinculação conjugal e os estilos parentais em pais casados com filhos com e sem deficiência visual, entre os 5 e os 14 anos da zona da Grande Lisboa (Vaz, 2011). Neste estudo foi também utilizado o ERP. Verificou-se que existem diferenças significativas entre a vinculação conjugal e os estilos parentais em pais de filhos com e sem deficiência visual. As mães com filhos com deficiência visual apresentam estilos de vinculação e estilos parentais mais negativos em comparação com as mães com filhos sem deficiência visual.

Colaço (2009) explorou de que forma as relações de namoro à distância se relacionam com o estilo de vinculação dos indivíduos e com o grau de satisfação conjugal em 26 jovens adultos, que mantinham uma relação de namoro à distância. Responderam ao ERP apenas um dos elementos do casal. Foram encontradas relações significativas entre o namoro à distância, o estilo de vinculação e o grau de satisfação na relação. Concluiu-se que não existem diferenças de género no estilo de vinculação, contudo, observou-se que a distância física promove níveis ligeiramente mais elevados de evitação nos homens, face às mulheres, e níveis ligeiramente mais elevados de preocupação nas mulheres, face aos homens.

Segundo Canavarro, Dias e Lima (2006), na fase da infância, as crianças desenvolvem um conjunto de expectativas acerca de si próprias, dos outros e do mundo, que foram designados por Bowlby como modelos representacionais ou modelos internos dinâmicos, que ao longo do tempo servem como guias comportamentais e modelos de interpretação das experiências relacionais. As diferenças individuais têm então que ser tidas em conta, no contexto das relações de vinculação. Embora estes modelos sejam relativamente estáveis no tempo e tenham um carácter automático, capaz de influenciar expectativas, estratégias e comportamentos nas relações estabelecidas, eles são também dinâmicos, uma vez que podem ser reformulados no contexto de experiências significativas de vinculação, criando novas narrativas sobre as experiências passadas e uma possibilidade de mudança nos padrões futuros de vinculação (idem).

Há, portanto, algum consenso sobre a estabilidade da vinculação durante a idade adulta. No entanto, esse padrão pode não corresponder ao da infância, devido aos mecanismos explicativos da mudança, onde se pode encontrar a exceção numa relação significativa, que contradiz a regra dos padrões vinculativos até então estabelecidos.

É importante sublinhar que os estilos de vinculação nas relações, não se estabelecem numa relação de causa-efeito. Ou seja, apesar de haver uma maior probabilidade/tendência para a repetição dos estilos de vinculação, outras variáveis, de cariz psicológico e também contextual, assumem um papel decisivo, tal como foi mencionado anteriormente. Por isso, as relações de vinculação adotadas na infância não são, de todo, determinantes do tipo de vinculação das relações posteriores. Segundo a perspetiva relacional, existem outros contextos, para além do familiar, que são igualmente considerados como significativos, quando se fala em vinculação. Essa mudança pode ser pautada por variáveis contextuais que podem ser introduzidas ao longo do tempo, na vida dos sujeitos, contrariando a causalidade encontrada na narrativa teórica da vinculação.

Estudos têm encontrado uma associação entre vinculação segura e níveis mais elevados de satisfação e qualidade relacional. Mikulincer Florian, Cowan e Cowan (2002), avaliaram a relação entre vinculação e satisfação na relação em casais de namorados nos EUA e verificaram que as pessoas que apresentavam uma vinculação segura ao cônjuge, tinham níveis mais altos de satisfação relacional, ao contrário das que apresentavam uma vinculação insegura.

Segundo Mikulincer, Florian, Cowan e Cowan (idem), uma vinculação segura ao cônjuge, proporciona ao casal um ambiente familiar positivo e harmonioso, o que, por sua vez, irá contribuir para o desenvolvimento de relações entre pais e filhos mais positivas. Do mesmo modo, o conflito conjugal tem sido associado a uma vinculação insegura que pode, posteriormente, ser dirigida para a relação com os filhos (Davies & Cummings, 1994). O relacionamento conjugal influencia, não só o exercício da parentalidade, mas também o comportamento dos filhos (Marturano & Silva, 2010).

A vinculação segura entre adultos parece assim estar ligada ao bem-estar e satisfação nas relações, o que por sua vez, pode conduzir a uma maior percepção de satisfação com a vida.

A satisfação com a vida foi definida, segundo Neto e Barros (2001), como uma avaliação pessoal e global da qualidade de vida. A satisfação com a vida está inevitavelmente ligada ao bem-estar subjetivo, uma vez que esta é avaliada segundo as percepções dos sujeitos, logo, varia de pessoa para pessoa e os parâmetros para a sua avaliação são definidos pelos próprios sujeitos, de acordo com as suas prioridades. Contudo, a satisfação com a vida está em grande medida relacionada com a qualidade das relações que se estabelecem ao longo do tempo. Neto e Barros (2001) estudaram a solidão em pessoas de três grupos etários (adolescentes, adultos, e idosos). A amostra era constituída por 105 adolescentes, 116 adultos, e 104 idosos, da zona de Vila Nova de Gaia e Figueira da Foz. Os instrumentos utilizados foram: a escala revista de solidão, a escala de neuroticismo, a escala de otimismo, e a escala de satisfação com a vida (QSCV). Os resultados apontam que os adolescentes e os idosos sentem mais a solidão que os adultos. Em cada grupo etário, encontraram-se correlações significativas entre a solidão e o neuroticismo, o otimismo, e a satisfação com a vida. Não se encontraram diferenças na solidão segundo o sexo (Neto & Barros, 2001).

Pinto (2005), estudou a intimidade na amizade e no amor, em adolescentes de diferentes grupos étnicos a residir em Portugal, tendo sido realizados dois estudos, nos quais foram utilizados como instrumentos de avaliação, a escala da intimidade, a escala da solidão e a escala da satisfação com a vida (QSCV). No primeiro, a amostra foi constituída inicialmente

por 341 adolescentes e os resultados referem que o género influencia a intimidade nas relações de amizade, tendo as raparigas pontuações mais elevadas, face aos rapazes. A intimidade nas relações de amizade relacionou-se positivamente com a satisfação com a vida e negativamente com a solidão. Pinto (2005), no segundo estudo, analisou a influência da diversidade étnica na amizade e no amor, bem como a influência das variáveis demográficas e psicológicas – solidão, satisfação com a vida e felicidade, na intimidade com o(a) amigo(a) e com o(a) namorado(a). A amostra foi constituída por 1359 adolescentes pertencentes a 7 grupos étnicos. Encontraram-se diferenças significativas no amor em relação ao género, à prática religiosa e à pertença étnica. A satisfação com a vida e a felicidade correlacionam-se positivamente com o amor.

Outro estudo desenvolvido por Rocha (2012) teve como objetivo explorar as relações entre fatores individuais – religiosidade, satisfação com a vida e sintomatologia depressiva-ansiosa - e fatores familiares – coesão, expressividade e conflito – em adolescentes, com o objetivo de encontrar possíveis diferenças entre adolescentes de famílias nucleares intactas e de famílias monoparentais. Foram avaliados 328 adolescentes, com idades compreendidas entre 14 e 20 anos, estudantes do ensino secundário na zona da Grande Lisboa. O protocolo utilizado inclui um questionário sociodemográfico, a escala de Satisfação com a Vida (QSCV), uma escala de Ansiedade e Depressão Hospitalar e os itens da dimensão relacional da escala de Ambiente Familiar (Rocha, 2012). Os resultados demonstram maiores níveis de coesão familiar em adolescentes de famílias nucleares intactas e maiores níveis de expressividade familiar em adolescentes de famílias monoparentais. Observou-se ainda uma relação positiva entre a religiosidade e a ansiedade em adolescentes de famílias monoparentais (Rocha, 2012).

2. METODOLOGIA

2.1. OBJETIVOS DO ESTUDO

O presente estudo tem como objetivo geral comparar e identificar as relações entre as percepções dos estudantes universitários acerca da conjugalidade dos pais com a sua experiência em relações próximas e a sua percepção de satisfação com a vida.

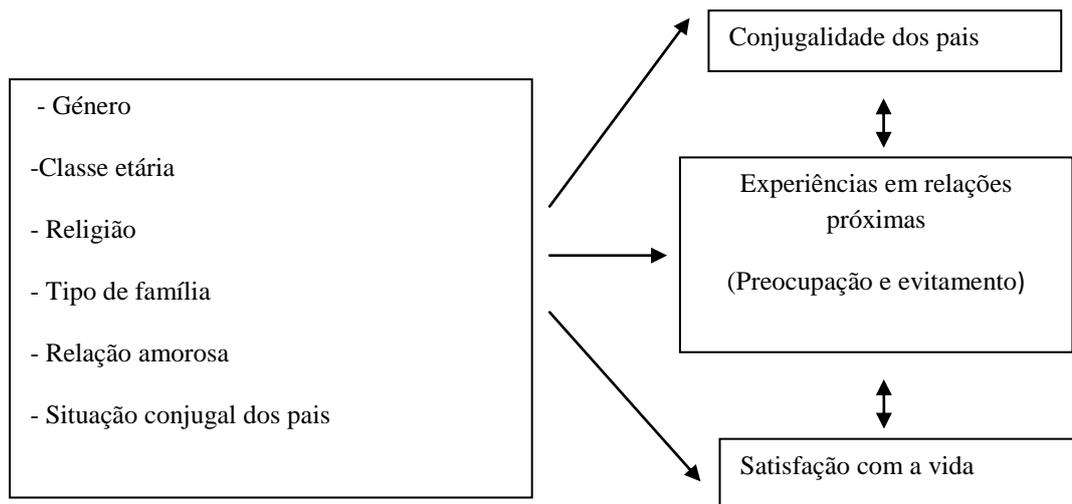


Figura1. Esquematização dos objetivos deste estudo

Como objetivos específicos este estudo pretende avaliar:

1. Se há diferenças significativas entre homens e mulheres nas percepções sobre a conjugalidade dos pais, na percepção de satisfação com a vida, na preocupação e no evitamento nas relações próximas;
2. Se há diferenças significativas entre participantes relativamente à classe etária nas percepções sobre a conjugalidade dos pais, na percepção de satisfação com a vida, na preocupação e no evitamento nas relações próximas;
3. Se há diferenças significativas entre os tipos de famílias às quais pertencem os participantes quanto às percepções sobre a conjugalidade dos pais, satisfação com a vida e preocupação e evitamento nas relações próximas;
4. Se há diferenças significativas entre os participantes que tem uma relação amorosa e os que não têm uma relação amorosa nas percepções sobre a conjugalidade dos pais, satisfação com a vida e na preocupação e evitamento nas relações próximas;

5. Se há diferenças significativas entre os participantes que seguem uma religião e os que não seguem qualquer religião nas perceções sobre a conjugalidade dos pais, na percepção de satisfação com a vida e na preocupação e no evitamento nas relações próximas;

6. Se há diferenças significativas entre os tipos de relações conjugais dos pais (estado civil) nas perceções dos filhos sobre a conjugalidade dos pais, satisfação com a vida e na preocupação e evitamento nas relações próximas;

7. As relações entre a percepção de satisfação conjugal dos pais, a satisfação com a vida e a preocupação e o evitamento nas relações próximas dos participantes.

2.2. PARTICIPANTES

Participaram neste estudo 172 pessoas ($N=172$), 91 do sexo masculino e 81 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 18 e os 58 anos, com uma média de 23.04 ($DP=6.78$). As idades foram distribuídas por classes, sendo que 143 participantes tinham idades compreendidas entre os 18 e os 24 e 29 entre os 25 e os 58. Os participantes estavam inscritos nas licenciaturas de psicologia, serviço social e desporto.

No que toca à constituição do agregado familiar dos indivíduos 122 faziam parte de famílias intactas, 17 de famílias monoparentais, 19 de famílias alargadas, 4 de famílias reconstituídas e 5 famílias monoparentais e alargadas.

Dos 172 participantes, 96 estavam numa relação amorosa, 47 eram do sexo masculino e 49 do sexo feminino. Setenta e seis participantes não estavam numa relação amorosa, sendo que neste sub-grupo, 44 eram do sexo masculino e 32 do sexo feminino.

Relativamente aos 96 participantes que estavam numa relação amorosa, 86 namoravam, 3 viviam em união de facto e 7 eram casados. No que toca à importância da religião na vida dos participantes, 80 reportaram seguir uma religião (sendo que a maioria segue a religião católica).

Quanto à situação conjugal dos pais dos participantes, 96 tinham os pais casados, 16 tinham os pais separados, 6 tinham as mães viúvas e 1 tinha ambos os pais recasados.

Relativamente às respostas dadas no Questionário sobre a Conjugalidade dos Pais, 158 responderam face à relação conjugal dos pais, 1 respondeu face à relação do pai e da madrasta, 11 responderam face à relação da mãe e do padrasto e 1 face à relação dos avós.

Tabela 1.
Dados Sócio Demográficos dos Participantes

Variável	n (%)	Medidas Descritivas
Género (n=172)		
Homens	91(52.9)	Moda: Masculino
Mulheres	81(47.1)	
Classe Etária (n=172)		
18 – 24	143 (83.1)	Moda: 18-24
25 - 58	29 (16.9)	Min. = 18 Máx. = 58
Curso (n=172)		
Desporto	120 (69.8)	Moda: Desporto
Psicologia	46 (26.7)	
Serviço Social	6 (3.5)	
Tipo Família (n=167)		
Intacta	122 (70.9)	Moda: Intacta
Monoparental	17 (9.9)	
Alargada	19 (11.0)	
Reconstituída	4 (2.3)	
Monoparental + Alargada	5 (2.9)	
Relação Amorosa (n=172)		
Sim	96 (55.8)	Moda: Sim
Não	76 (44.2)	
Tipo de Relação (n=96)		
Namoro	86 (50.0)	Moda: Namoro
União de Facto	3 (1.7)	
Casamento	7 (4.1)	
Religião (n=166)		
Sim	80 (46.5)	Moda: Não
Não	86 (50.0)	
Casais alvo das Respostas do QCP (n=171)		
Pais	158 (91.9)	Moda: Pais
Pai e Madastra	1 (0.6)	
Mãe e Padastro	11 (6.4)	
Outro	1 (0.6)	
Situação conjugal (n =117)		
Casado	94 (54.7)	Moda: Casado
Separado	16 (9.3)	
Viúvo	6 (3.5)	
Recasados	1 (0.6)	

2.3. PROCEDIMENTOS

A recolha dos dados decorreu entre os meses de fevereiro e o mês de junho de 2013. Foram enviados pedidos de colaboração às instituições nas quais foram recolhidos os dados: Instituto Superior Miguel Torga (ISMT) e Escola Superior de Desporto de Rio Maior, Instituto Politécnico de Santarém (ESDRM). Posteriormente foi aplicado o protocolo aos estudantes em contexto de sala de aula tentando-se que esta aplicação não perturbasse o funcionamento normal dos tempos letivos. O tempo de preenchimento do protocolo foi

aproximadamente de 20 minutos. Do protocolo, para além dos três questionários de auto-relato, faziam parte o consentimento informado, no qual se encontravam descritos os objetivos do estudo, a garantia de anonimato dos participantes e a confidencialidade dos dados. Foi solicitado aos participantes que respondessem ao *Questionário sobre as experiências em relações próximas* (ERP) apenas os que estivessem atualmente numa relação amorosa.

Após a recolha da amostra, procedeu-se à introdução dos dados e posteriormente à análise dos mesmos, através do programa informático de análise estatística, Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), versão 17.0.

Trata-se de um estudo quantitativo descritivo correlacional exploratório, cujo objetivo é verificar se há ou não relação entre as variáveis em questão e qual a sua direção. Trata-se de um estudo exploratório, uma vez que não foram encontrados trabalhos que estudem a relação entre as variáveis escolhidas: a perceção de conjugalidade dos pais, a experiência de relações próximas e a satisfação com a vida (Pallant, 2005). Como tal, recorreu-se a procedimentos estatísticos descritivos e correlacionais.

2.4. INSTRUMENTOS

Tendo em conta os objetivos do estudo em curso foram utilizados 4 instrumentos:

1. O Questionário sobre a Conjugalidade dos Pais (QCP) foi desenvolvido por Ziviani, Carneiro e Magalhães (2011), no Brasil. O QCP tem como objetivo, estudar as perceções dos filhos, face à conjugalidade dos pais. Segundo Ziviani, Carneiro e Magalhães (2011) originalmente foi constituído com 56 itens fechados para serem respondidos numa escala Likert de cinco pontos. No estudo brasileiro a escala apresentou um alpha de Cronbach de .96.

Os itens do QCP estão relacionados com diferentes aspetos, que têm sido identificados como relevantes na vivência da conjugalidade, especificamente, a conflitualidade e satisfação na relação conjugal dos pais. Embora quatro dimensões sejam avaliados pelo QCP - gratificação conjugal, maturidade emocional, identidade conjugal e expressão de afeto – as características psicométricas sugeriram a unidimensionalidade da escala de avaliação do QCP, refletindo o seu constructo hierarquicamente superior: as perceções acerca da conjugalidade dos pais (Mendonça, 2006). Assim sendo o QCP adaptado para a população Portuguesa por Crespo et al. (em preparação), seguiu as sugestões mencionadas pelos estudos realizados no Brasil, tendo os autores eliminado os itens que se referiam a cada elemento do casal individualmente, com vista à manutenção da unidimensionalidade da escala - a

conjugalidade. O QCP adaptado à população Portuguesa e utilizado neste estudo é constituído por 26 itens, sendo os itens 4, 7, 10, 12, 14, 16, 20, 21 e 23, itens invertidos e com 5 possibilidades de resposta (1- nunca; 2- raramente; 3- às vezes; 4- geralmente e 5- sempre). Resultados mais elevados indicam uma percepção da conjugalidade dos pais mais satisfatória. As pontuações podem variar entre um máximo de 130 e um mínimo de 26.

O estudo da validação Portuguesa do QCP já se encontra em curso e apresenta resultados de consistência interna considerados adequados¹. O alpha de Cronbach obtido com a amostra do presente estudo foi de .90.

2. A Escala de Satisfação com a Vida (QSCV) foi desenvolvida por Diener, Emmons, Larsen e Giffin (1985) e foi adaptada para a população portuguesa por Neto (1993). Esta escala contém 5 itens, com sete possibilidades de resposta, (1- fortemente em desacordo; 2 – desacordo; 3-Levemente em desacordo, 4- nem concordo, nem discordo; 5-levemente de acordo; 6- acordo e 7- fortemente em acordo). Segundo Neto (1993), a escala tem um alfa de cronbach de .78.

Esta escala avalia a satisfação com a vida, partindo do pressuposto que é mais relevante solicitar à pessoa uma análise mais global face à satisfação com a vida, do que uma avaliação da satisfação em domínios mais específicos (Gomes, Ramalho & Dias, 2010). Os resultados mais elevados obtidos nesta escala indicam maior satisfação com a vida. As pontuações podem variar entre um máximo de 35 e um mínimo de 5. Neste estudo, o alpha de Cronbach da escala foi de .73.

3. O Questionário sobre Experiências em Relações Próximas (ERP) foi desenvolvido por Brennan, Clark e Shaver (1998) e foi adaptado à população Portuguesa por Moreira et al. (2006). O ERP é constituído por 36 itens, que avaliam duas dimensões do estilo de vinculação adulta – o evitamento (18 itens), e a preocupação (18 itens), correspondendo os números ímpares à escala do evitamento e os pares à escala da preocupação. Existem duas versões deste questionário, a versão feminina e a masculina e as respostas são dadas numa escala de sete pontos, onde apenas estão legendados os pontos extremos (1- discordo fortemente e 7- concordo fortemente) e o ponto central (4- neutro/misto) (Moreira et al, 2006). Os itens, 3, 15,19, 22, 25, 27, 29, 31, 33 e 35, são itens invertidos. Resultados mais elevados de concordância indicam níveis mais baixos de evitamento e de preocupação nas relações amorosas. Os resultados podem variar entre um máximo de 252 e um mínimo de 36. Quanto à consistência interna do ERP no estudo realizado por Moreira et al. (2006), o alpha

¹ O estudo da validação Portuguesa do QCP já foi efetuado, estando neste momento em preparação a publicação dos seus resultados.

de Cronbach foi de .93 para a escala do evitamento e .87 para a escala de preocupação. No presente estudo, o alfa de Cronbach da escala do evitamento foi de .91 e o da escala da preocupação foi de .84.

4. O Questionário Sociodemográfico, construído para o presente estudo, permitiu recolher um conjunto de dados de caracterização dos participantes. Neste questionário foram incluídas questões sobre a idade dos participantes, sexo, nacionalidade, curso, ano de escolaridade, os elementos do agregado familiar, a existência de uma relação amorosa atual. Foi também incluída uma questão sobre a religião, ou seja, se os participantes seguiam alguma religião ou não, e, em caso afirmativo, qual a importância que lhe era atribuída.

3. RESULTADOS

Apresentam-se os dados descritivos dos questionários em função das variáveis sociodemográficas e os resultados dos testes das diferenças.

3.1. PERCEÇÃO DA CONJUGALIDADE DOS PAIS

Começando pelo Questionário da conjugalidade dos pais (QCP), 168 participantes responderam, sendo que destes 87 são homens e 81 são mulheres com idades compreendidas entre os 18 e os 58 anos. Destes 168, 119 participantes faziam parte de famílias intactas e 49 das restantes tipologias familiares. Noventa e cinco (95) dos participantes referiram estar numa relação amorosa e 73 não estavam. Dos mesmos 168, 94 tinham os pais casados e 74 tinham os pais separados, viúvos ou recasados. Apenas 162 responderam à questão se seguiam ou não alguma religião, sendo que 84 participantes não seguiam nenhuma religião e 78 seguiam.

Tabela 2.

Resultados do questionário sobre a conjugalidade dos pais (QCP) em função das variáveis sociodemográficas

Questionário sobre a conjugalidade dos pais	<i>N</i>	<i>M; DP</i>	<i>p</i>	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>U</i>
Género (n= 168)						
Masculino	<i>n</i> = 87	<i>M</i> = 3.73; <i>DP</i> = .55	.003**	3.03	-----	-----
Feminino	<i>n</i> = 81	<i>M</i> = 3.43; <i>DP</i> = .73				
Classe Etária (n= 168)						
18 – 24	<i>n</i> = 139	<i>M</i> = 3.61; <i>DP</i> = .64	-----	-----	.634	1902.000
25-58	<i>n</i> = 29	<i>M</i> = 3.50; <i>DP</i> = .75				
Religião (n= 162)						
Sim	<i>n</i> = 78	<i>M</i> = 3.62; <i>DP</i> = .66	.457	-.746	-----	-----
Não	<i>n</i> = 84	<i>M</i> = 3.54; <i>DP</i> = .66				
Tipo Família (n= 168)						
Intactas	<i>n</i> = 119	<i>M</i> = 3.67; <i>DP</i> = .66	.013*	2.499	-----	-----
Outras	<i>n</i> = 49	<i>M</i> = 3.39; <i>DP</i> = .60				
Relação amorosa (n= 168)						
Sim	<i>n</i> = 95	<i>M</i> = 3.57; <i>DP</i> = .70	.638	.471	-----	-----
Não	<i>n</i> = 73	<i>M</i> = 3.62; <i>DP</i> = .60				
Situação conjugal dos pais (n=168)						
Casados	<i>n</i> = 94	<i>M</i> = 3.64; <i>DP</i> = .64	.263	1.123	-----	-----
Outros	<i>n</i> = 74	<i>M</i> = 3.52; <i>DP</i> = .67				

* $p < .05$ ** $p < .01$; $\sim \leq .10$

Os participantes evidenciaram uma perceção de conjugalidade dos pais satisfatória uma vez que a média global é de 3.59 ($M = 3.59$). Os resultados podem variar entre 5 - valor máximo da escala- que corresponde ao nível mais alto de satisfação da conjugalidade dos pais e 1 que corresponde a um nível muito baixo de satisfação conjugal.

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas somente em duas variáveis sociodemográficas: no género os homens percecionaram uma conjugalidade dos pais mais

satisfatória e menos conflituosa do que as mulheres, uma vez que a média obtida nas pontuações do Questionário da conjugalidade dos pais foi superior ($M = 3.73$) em comparação com o género feminino ($M = 3.43$).

No que concerne ao tipo de família os participantes que faziam parte de famílias intactas perceberam uma conjugalidade dos pais como sendo mais satisfatória e menos conflituosa do que os participantes com famílias monoparentais, alargadas, reconstituídas e alargadas + monoparentais. Os participantes pertencentes a famílias intactas obtiveram valores médios superiores ($M = 3.67$) aos pertencentes a outros tipos de família, monoparentais ($M = 3.18$), reconstituídas ($M = 3.31$), alargadas ($M = 3.64$) e monoparentais + alargadas ($M = 3.37$).

Considerando a idade (classe etária), religião, relação amorosa atual e situação conjugal dos pais, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre estes grupos relativamente à percepção que têm da conjugalidade dos pais.

3.2. PERCEÇÃO DE SATISFAÇÃO COM A VIDA

Relativamente ao *Questionário da satisfação com a vida* (QSCV), 172 participantes responderam a este questionário, 91 do género masculino e 81 do feminino. Dos 172, 96 estavam numa relação amorosa e 76 não tinham relação amorosa. Apenas 166 participantes responderam à questão da religião, sendo que 86 não seguia nenhuma religião e 80 seguia. Dos 172 participantes, 122 faziam parte de famílias intactas e 50 de famílias monoparentais, reconstituídas, alargadas e monoparentais + alargadas. Noventa e quatro (94) mencionaram ter os pais casados e 78 têm os pais separados, viúvos e recasados.

Os participantes evidenciaram uma percepção de satisfação com a vida satisfatória uma vez que a média global é de 5.00 ($M = 5.00$). Os resultados podem variar entre 7 - valor máximo da escala- que corresponde ao nível mais alto de satisfação com a vida e 1 que corresponde a um nível muito baixo de satisfação com a vida.

Tabela 3.
Resultados do questionário da satisfação com a vida (QSV) em função das variáveis sociodemográficas

Questionário da satisfação com a vida	<i>N</i>	<i>M</i> ; <i>DP</i>	<i>p</i>	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>U</i>
Género (n= 172)						
Masculino	n= 91	<i>M</i> = 4.91; <i>DP</i> =.92	.153	-1.436	-----	-----
Feminino	n=81	<i>M</i> = 5.11; <i>DP</i> =.91				
ClasseEtária (n=172)						
18 – 24	n= 143	<i>M</i> = 5.02; <i>DP</i> =.89	-----	-----	.823	2019.000
25-58	n= 29	<i>M</i> = 4.92; <i>DP</i> =1.07				
Religião (n=166)						
Sim	n= 80	<i>M</i> =5.00; <i>DP</i> =.89	.846	-.195	-----	-----
Não	n= 86	<i>M</i> = 5.03; <i>DP</i> =.94				
Relação amorosa (n= 172)						
Sim	n=96	<i>M</i> = 5.19; <i>DP</i> =.93	.003**	-3.006	-----	-----
Não	n=76	<i>M</i> = 4.77; <i>DP</i> =.86				
Tipo Família (n=172)						
Intactas	n=122	<i>M</i> = 5.09; <i>DP</i> =.91	.046*	2.013	-----	-----
Outras	n= 50	<i>M</i> = 4.78; <i>DP</i> =.91				
Situação conjugal dos pais (n=172)						
Casados	n=94	<i>M</i> = 5.00; <i>DP</i> =.93	.998	-.003	-----	-----
Outros	n=78	<i>M</i> = 5.00; <i>DP</i> =.91				

* $p < .05$ ** $p < .01$; $\sim \leq .10$

Tal como se pode constatar na tabela 3 foram encontradas diferenças estatisticamente entre os participantes que estão ou não atualmente numa *relação amorosa*. Os participantes que estão numa relação amorosa percecionaram uma maior satisfação com a vida ($M = 5.19$) em comparação que não tinham relação amorosa ($M = 4.77$). Ainda no mesmo sentido, os participantes que faziam parte de famílias intactas percecionaram uma maior satisfação com a vida ($M = 5.09$) em comparação com os que faziam parte de famílias monoparentais ($M = 4.88$), reconstituídas ($M = 4.95$), alargadas ($M = 4.59$) e monoparentais + alargadas ($M = 5.36$) – apesar dos participantes que fazem parte de famílias monoparentais + alargadas apresentarem uma média relativamente superior à média apresentada pelos participantes que fazem parte de famílias intactas, não nos podemos esquecer que o seu $n = 5$, logo esta média não é por si só representativa, face às famílias intactas que apresentam um $n = 122$. Relativamente às variáveis *género*, *classe etária*, *religião* e *situação conjugal dos pais* não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na *perceção de satisfação com a vida*.

3.3. PERCEÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS EM RELAÇÕES PRÓXIMAS

O *questionário sobre experiências em relações próximas* (ERP) avalia duas dimensões da relação: o evitamento e a preocupação. O número de participantes a responder às duas escalas foi distinto. Setenta e sete (77) participantes responderam à escala do evitamento - 36 homens e 41 mulheres e 80 participantes responderam à escala da preocupação – 40 homens e 40 mulheres. Todos os participantes que responderam às questões do evitamento e da preocupação do *questionário sobre as relações próximas* referiram estar numa relação amorosa.

Os participantes evidenciaram percepção de evitamento e preocupação alta nas suas relações, uma vez que a média global é de 2.38 ($M= 2.38$) para o evitamento e de 2.77 ($M=2.77$) para a preocupação. Os resultados podem variar entre 7 - valor máximo da escala- que corresponde ao nível mais baixo de evitamento e preocupação e 1 que corresponde a um nível muito alto de evitamento e preocupação nas relações amorosas.

Tal como se constata na tabela 4 foram encontradas diferenças estatisticamente significativas somente entre classes etárias. Os participantes entre os 25 e os 58 anos, perceberam um maior evitamento nas suas relações amorosas ($M= 2.90$), face aos participantes mais novos, com idades compreendidas entre os 18 e os 24 ($M= 2.24$). Não foram encontradas diferenças significativas face às outras variáveis sociodemográficas entre os participantes na subescala do evitamento (género, religião, tipo de família, relação amorosa e situação conjugal dos pais).

Na subescala da preocupação não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em nenhuma variável sociodemográfica (classe etária, género, religião, tipo de família, relação amorosa e situação conjugal dos pais).

Tabela 4.

Resultados do questionário de experiência em relações próximas (EPR) em função das variáveis sociodemográficas

EPR	EVITAMENTO						PREOCUPAÇÃO					
	<i>N</i>	<i>M ; DP</i>	<i>p</i>	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>U</i>	<i>N</i>	<i>M ; DP</i>	<i>p</i>	<i>T</i>	<i>p</i>	<i>u</i>
Gênero (n=77;n=80)												
Masculino	n= 36	M = 2.52; DP=.88	.221	1.234	-----	-----	n=40	M = 3.81; DP=.87	.675	.420	-----	-----
Feminino	n= 41	M = 2.26; DP=.95					n=40	M = 3.73; DP=.91				
Classe Etária (n=77; n= 80)												
18 – 23	n=61	M = 2.24; DP=.90	-----	-----	.009**	281.000	n=60	M = 3.67; DP=.85	-----	-----	.217	489.000
25– 58	n=16	M = 2.90; DP=.85					n=20	M = 4.08; DP=.92				
Religião (n= 75; n= 78)												
Sim	n = 32	M =2.24; DP=.86	.224	-1.227	-----	-----	n=35	M =3.66; DP=.89	.285	- 1.077	-----	-----
Não	n= 43	M = 2.50; DP=.97					n=43	M = 3.88; DP=.89				
Tipo Família (n= 77; n=80)												
Intactas	n= 59	M = 2.40; DP=.91	-----	-----	.543	480.500	n=60	M = 3.80; DP=.84	-----	-----	.453	532.500
Outras	n=18	M = 2.31; DP=.99					n=20	M = 3.69; DP= 1.01				
Relação amorosa (n=77; n=80)												
Sim	n=77	M = 2.38; DP=.92	-----	-----	-----	-----	n=80	M = 3.77; DP=.88	-----	-----	-----	-----
Situação conjugal dos pais (n= 77; n=80)												
Casados	n= 44	M =2.31; DP=.92	.459	-.744	-----	-----	n=45	M =3.97; DP=.91	.18	2.407	-----	-----
Outros	n=33	M =2.47; DP=.93					n=35	M =3.51; DP=.78				

* $p < .05$ ** $p < .01$; $\sim \leq .10$

3.4 ANÁLISE CORRELACIONAL

A tabela 5 apresenta os resultados das correlações entre as escalas *Questionário sobre a conjugalidade dos pais*, *Questionário da satisfação com a vida* e *Questionário sobre as experiências em relações próximas – (evitamento e preocupação)* correlações entre as mesmas.

Tabela 5. Matriz de correlação entre percepções acerca da conjugalidade dos pais, satisfação com a vida e dimensões da vinculação ao par amoroso (evitamento e preocupação)

	1	2	3	4
1.Perceção da conjugalidade dos pais		(.13~) .17 ~	-.09	-.21~
2.Satisfação com a vida			-.24*	-.22~
3. Evitamento				.14
4.Preocupação				

* $p < .05$; ** $p < .01$; ~ $\leq .10$

Os valores entre parenteses correspondem aos resultados para o total da amostra ($N=172$). Todos os outros valores referem-se aos resultados dos participantes numa relação ($n = 96$).

Os resultados das correlações entre as escalas sugerem, na sua generalidade, correlações fracas e com significâncias marginais. Relativamente à correlação entre as pontuações totais das escalas, podemos verificar que a satisfação com a vida foi a única variável que apresentou um valor efetivamente significativo com o evitamento, embora apresentando uma correlação baixa ($.20 \leq r \leq .30$). Entre a preocupação e a satisfação com a vida observou-se uma significância marginal, contudo a correlação é baixa. A satisfação com a vida relacionou-se de forma inversamente proporcional com a preocupação e com o evitamento, ou seja, quando a percepção de satisfação com a vida aumenta, a percepção de evitamento e preocupação nas relações próximas diminui.

A percepção da conjugalidade dos pais apresentou uma correlação baixa e com significância marginal com a satisfação com a vida e com a preocupação nas relações próximas. A satisfação com a vida também apresentou uma correlação baixa com significância marginal com a preocupação nas relações próximas.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Deste trabalho conclui-se que os participantes têm uma percepção da conjugalidade dos pais positiva, os homens perceberam a conjugalidade dos pais mais satisfatória do que as mulheres. Os participantes estão, na globalidade, satisfeitos com a vida, sobretudo os participantes que estão numa relação amorosa, que percebem maior satisfação com a vida, relativamente aos que não têm relação amorosa. No entanto, os participantes percebem evitamento e preocupação nas suas relações amorosas, sobretudo os participantes mais velhos. Conclui-se ainda que não existe correlação entre a percepção da conjugalidade dos pais, as experiências em relações próximas e a percepção de satisfação com a vida.

Quanto às diferenças entre os géneros nas percepções sobre a conjugalidade dos pais, os resultados do estudo brasileiro realizado por Souza e Silva (2005) mostram precisamente o oposto ao que foi encontrado neste trabalho, ou seja, que não houve diferenças no grau de satisfação conjugal percebido, face à conjugalidade dos pais entre o género masculino e feminino. Esta diferença pode dever-se ao facto de neste estudo, a maioria dos homens frequentar o curso de desporto e a maioria das mulheres frequentar os cursos de psicologia e serviço social, ou seja, estes dois últimos cursos abordam questões relacionais das famílias, como a conjugalidade, sendo que esta percepção poderá refletir-se num olhar mais complexo e menos positivo que as mulheres possam ter sobre a conjugalidade dos pais. Fortunato (2009) avaliou a situação conjugal e a vinculação e encontrou diferenças entre as percepções dos homens e das mulheres, sendo que as mulheres apresentaram uma percepção de satisfação conjugal menor que os homens. Esta diferença entre géneros obtida neste trabalho pode ainda relacionar-se com as narrativas sociais e pessoais construídas sobre a organização familiar tradicional, em relação às funções familiares, nas quais as mulheres assumem mais funções, em comparação com os homens. Apesar de atualmente, alguns homens participarem mais nas tarefas de casa e nas funções parentais, continuam a ser as mulheres que mais preconizam estes papéis. Já Narciso (2002 cit in Fortunato, 2009) obteve resultados semelhantes em relação à distribuição das tarefas conjugais, nas quais as mulheres têm uma maior participação. Claro que tratando-se o QCP, da percepção que os filhos têm acerca da conjugalidade dos pais, naturalmente que os filhos (homens) podem eventualmente ser mais aliados e confidentes do pai, enquanto as filhas (mulheres) podem, por outro lado, ser mais aliadas e confidentes da mãe, sendo que estas alianças se podem traduzir num maior acesso às perspetivas da conjugalidade de acordo com o género, mas também, numa baixa diferenciação face às famílias de origem. As filhas poderão ter um

maior acesso às perspetivas das mães e os filhos poderão ter também um maior acesso às perspetivas dos pais, criando-se em torno destas narrativas e da acessibilidade às mesmas, uma visão acerca da conjugalidade dos pais pouco diferenciada. Ainda no seguimento desta hipótese explicativa Mendonça (2006) concluiu que a repetição de comportamentos de género é feita de pais para filhos, através da identificação com as figuras parentais do mesmo sexo, e são posteriormente reproduzidos na relação conjugal dos filhos. Contudo, Mendonça (2006) salienta que o novo casal também elabora e transforma parte da herança recebida pelos pais.

Existem diferenças significativas entre as classes etárias no evitamento nas relações próximas, uma vez que os participantes com idades entre os 25 e os 58 anos percecionaram maior evitamento nas suas relações amorosas, relativamente aos participantes entre os 18 e os 24. O que vem ao encontro do estudo realizado por Crespo (2007), onde se encontraram diferenças significativas entre os grupos etários, sendo que o grupo dos 23 aos 30 anos apresentou valores mais elevados de qualidade relacional, proximidade e afetividade segura, face aos participantes mais velhos. Já Fortunato (2009) encontrou diferenças no grupo etário dos 20 aos 29 anos, sendo que este apresentou também valores mais elevados de satisfação conjugal, vinculação segura e proximidade nas suas relações amorosas, face aos participantes mais velhos.

Os resultados obtidos podem estar relacionados com as etapas do ciclo vital da família. Tratando-se a amostra mais jovem deste estudo, de jovens adultos em percurso académico entre os 18 e os 24 anos, muito provavelmente, encontrar-se-ão ou na última etapa do ciclo vital – famílias com filhos adultos - ou na primeira etapa do ciclo vital da família – formação do casal, podendo encontrar-se entre uma e outra na fase denominada comumente namoro. Esta etapa é caracterizada pelo investimento dos parceiros para a criação de um espaço comum, o “nós” e é marcada pela forte idealização do outro, e por isso, a partilha entre os elementos encontra o seu auge nesta fase, dado o momento de paixão, conquista e conhecimento (Alarcão, 2002). Este momento poderá também coincidir com a saída dos filhos da casa dos pais e com a conseqüente focalização e maior disponibilidade para as relações amorosas e para as relações entre pares, até como forma de garantia de algum sentimento de pertença e suporte emocional quando estão longe da família.

É então compreensível que os participantes entre os 18 e os 24, percecionem um menor evitamento nas suas relações amorosas face aos participantes com idades compreendidas entre os 25 e os 58 anos. Estes últimos poder-se-ão encontrar na segunda, terceira, ou até

mesmo na quarta etapa do ciclo vital da família- Famílias com filhos pequenos, famílias com filhos na escola e famílias com filhos adolescentes, respetivamente. O facto de estes participantes se encontrarem nas etapas do ciclo vital acabadas de mencionar, têm uma peculiaridade que os participantes que se encontram na etapa da formação do casal não têm, que se traduz na dimensão da parentalidade. Gottman, Driver e Tabares (2002) referem que, a maioria dos casais experienciam a par com a parentalidade, uma quebra na satisfação conjugal, o que se poderá traduzir num maior evitamento na relação, que poderá associar-se à interferência na conjugalidade de outras áreas e tarefas. Com a parentalidade, está associada a falta de tempo e espaço para o casal em prol das funções parentais, o que pode traduzir-se num maior “distanciamento” entre os cônjuges. É de realçar que é também ao longo do crescimento dos filhos, e sobretudo entre as etapas – famílias com filhos pequenos e famílias com filhos adolescentes- que o sistema familiar é obrigado a promover movimentos de abertura ao exterior, o que também vem dificultar a manutenção de movimentos de fecho, necessários para o investimento conjugal. Isto tudo, já para não falar de quando são vários filhos ou elementos familiares de várias gerações, como é o caso das famílias alargadas, em que a clara existência de diferentes etapas do ciclo vital dificulta o equilíbrio entre os movimentos do sistema, bem como do casal em centrar-se na conjugalidade (Alarcão, 2002).

Os participantes que faziam parte de famílias intactas percecionaram uma conjugalidade dos pais como mais satisfatória do que os participantes de famílias monoparentais, reconstituídas, alargadas e monoparentais + reconstituídas, e também percecionaram uma maior satisfação com a vida. Este resultado confirma os resultados do estudo de Souza e Silva (2005) em que os sujeitos com pais casados percecionaram uma conjugalidade do pai mais satisfatória face aos sujeitos com outras tipologias familiares. A literatura de facto aponta, na generalidade, para um melhor funcionamento familiar nas famílias nucleares. Segundo Fortunato (2009), as famílias intactas demonstram níveis mais elevados em coesão familiar, salientando o seu sentido de pertença, união e apoio parental, relativamente às outras configurações familiares. Este dado poderá justificar a maior percepção de satisfação com a vida e uma percepção mais satisfatória da conjugalidade dos pais, por parte dos participantes de famílias intactas. Também Portugal e Alberto (2010), encontraram resultados que mostram que filhos de famílias nucleares intactas estabelecem uma melhor comunicação com os pais, do que filhos de pais divorciados. Estes resultados podem dever-se ao facto de as famílias intatas não passarem por crises acidentais, tais como o divórcio, mortes, recasamentos, ou seja, estas famílias não passam, na

generalidade, por tantos episódios stressantes associados ao desmembramento da família, como as restantes tipologias. As famílias monoparentais, reconstituídas, alargadas e monoparentais + reconstituídas, na maioria dos casos, são marcadas por mais crises acidentais em comparação com as famílias nucleares tradicionais. Por exemplo, a etapa da formação do casal, ou não chega a ser vivenciada nas famílias monoparentais, uma vez que face à ausência do parceiro, o sub-sistema conjugal não pode ser criado, ou, nas situações de separação/divórcio ou viuvez, ele constituiu-se mas deixou de existir, o que pode refletir-se numa perceção negativa dos filhos sobre a conjugalidade dos pais. Por outro lado, nas famílias reconstituídas o casal pode não ser constituído pelos progenitores dos participantes, o que usualmente dificulta a sua aceitação, pois idealizam durante muito tempo o retorno ao agregado familiar anterior e percecionam as divergências conjugais (entre o progenitor e o cônjuge atual) como uma ameaça para o casal e restante família, o que também tem impacto negativo na perceção dos filhos sobre a conjugalidade dos pais (Alarcão, 2002).

Para além das variações em torno do ciclo vital, não nos podemos esquecer que a própria cultura, sociedade, famílias têm fortes narrativas do que deve ser considerado uma conjugalidade satisfatória associada às tipologias familiares e também acerca da satisfação com a vida destas famílias, isto é, narrativas socialmente dominantes, organizadas a partir de verdades tomadas como absolutas, muitas vezes, constroem as vidas dos indivíduos e conduzem à formação de narrativas mais pessimistas, que até podem envolver sofrimento sobre a própria conjugalidade e sobre a vida (Gonçalves, 2008). A narrativa social e profissional dominante valoriza a família nuclear intacta como sendo a configuração familiar ideal, o que certamente colabora no desenvolvimento de uma imagem positiva quer da família quer do casal. No sentido oposto, os discursos sociais profissionais valorizam mais nas famílias monoparentais, reconstituídas, alargadas, os aspetos incompetentes ou lacunares sempre em comparação com as famílias intactas, que não só influenciam o bem-estar destas famílias como colocam obstáculos às possibilidades evolutivas que elas podem ter e influenciam a visão dos membros da própria família (Gonçalves, 2008; Sequeira, 2012).

Os indivíduos que estavam numa relação amorosa tinham uma maior perceção de satisfação com a vida face aos que não tinham nenhuma relação amorosa. Não só a família, mas também o par amoroso contribuem de forma significativa para a satisfação com a vida, o que está em consonância com a literatura, pois a satisfação com a vida está, em grande medida, relacionada com a qualidade das relações interpessoais que se estabelecem (Neto

& Barros, 2001). No estudo realizado por Pinto (2005), de entre outros resultados, a satisfação com a vida e a felicidade correlacionaram-se de forma positiva com as relações de intimidade ao par amoroso, nos adolescentes que tinham namorado(a). Os participantes deste estudo são quase na totalidade, jovens adultos, o que significa que é nesta altura do ciclo vital da família que os filhos escolhem o seu par amoroso, o que também traduz que as tarefas desta etapa do ciclo vital estão a ser cumpridas. Ainda segundo Pontes, Silva, Garotti e Magalhães (2007), o contexto envolvente, ou seja, a rede pessoal e social dos indivíduos é importante, já que, para além da família, podem existir pessoas significativas que assumem papéis afetivos de relevo onde se pode destacar o par amoroso, já que a relação com a pessoa amada pode ser a base principal da regulação das emoções (Johnson, 2004).

A perceção de satisfação com a vida relacionou-se com o evitamento nas relações próximas dos filhos. Quanto maior é a perceção de satisfação com a vida, menor é a perceção de evitamento e preocupação nas relações próximas, o que vem de encontro à literatura, segundo Mikulincer, Florian, Cowan e Cowan (2002), uma vinculação segura ao cônjuge (índices mais baixos de evitamento e preocupação), proporciona ao casal um ambiente familiar positivo e harmonioso, o que, por sua vez, irá contribuir para o desenvolvimento de relações entre pais e filhos mais positivas e, conseqüentemente, uma maior satisfação com a vida. No oposto, índices mais elevados de evitamento e preocupação, proporciona um ambiente familiar mais negativo, o que irá contribuir para o desenvolvimento de relações entre pais e filhos mais tensas e conseqüentemente menor satisfação com a vida (Mikulincer, Florian, Cowan & Cowan, 2002).

Contudo, este estudo também permitiu concluir que a perceção da conjugalidade dos pais não se relacionou de forma significativa com o evitamento e preocupação nas relações amorosas dos filhos, dado que não era esperado. Por outro lado, a perceção da conjugalidade dos pais também não se relacionou de forma significativa com a perceção de satisfação com a vida, o que é um dado interessante. Dada a associação na literatura entre a conjugalidade dos pais e as relações dos filhos, especificamente no que toca às questões da transgeracionalidade, foi importante concluir que não houve associação entre a conjugalidade dos pais e o evitamento e preocupação nas relações dos filhos, o que nos pode remeter para a capacidade dos filhos elaborarem a relação dos pais de forma não repetitiva e, nas suas relações amorosas, construírem novos padrões de relação, criando um modelo de conjugalidade próprio (Mendonça, 2006). Por outro lado, dada também a associação na literatura entre a conjugalidade dos pais e a satisfação com a vida dos filhos,

é interessante poder concluir que, sobretudo na face de transição para a vida adulta, as relações amorosas passam a ser o foco de maior atenção por parte dos jovens. Esta focalização é considerada normativa face aos objetivos da etapa do ciclo vital, e portanto, passa a ser um aspeto central na avaliação da satisfação com a vida dos filhos, que se sentem menos envolvidos e afetados na e pela conjugalidade dos pais. Sampaio (2006) refere que os filhos entre a adolescência e a fase adulta, são mais dos namorados do que dos próprios pais, isto é, o poder dos pais nesta altura do ciclo vital diminui e o papel dos mesmos é aparentemente menos importante, contudo, a sua presença continua a ser necessária, pois devem mobilizar sem dirigir o comportamento dos filhos, respeitando as suas decisões e promovendo a sua individualização. Os filhos a partir da adolescência fazem, portanto, novos investimentos centrados fora da família, essenciais para o cumprimento dos objetivos desta etapa e desenvolvimento individual e familiar.

Os participantes percecionaram uma conjugalidade dos pais positiva, uma satisfação com a vida igualmente positiva, mas percecionaram grande evitamento e preocupação nas suas relações amorosas. Encontramos algumas justificações para este resultado. A primeira é que os participantes são, na maioria, jovens adultos com relações ainda instáveis. Por outro lado, face à exigência associada à carreira académica, à empregabilidade na nossa sociedade, os jovens tendem a percecionar as relações como menos estáveis e isso pode, eventualmente, gerar inseguranças na relação, que se refletem na forma como a olham no presente e projetam no futuro.

5. CONCLUSÕES

Este trabalho permitiu concluir que: os homens e os participantes deste estudo que fazem parte de famílias intactas perceberam uma conjugalidade dos pais mais satisfatória; por outro lado, os participantes numa relação amorosa e os que fazem parte de famílias intactas perceberam maior satisfação com a vida, e os participantes entre os 25 e os 58 anos, perceberam maior evitamento nas suas relações. Contudo, este estudo também permitiu concluir que a percepção da conjugalidade dos pais não se relacionou de forma significativa com o evitamento e preocupação nas relações amorosas dos filhos, nem com a percepção de satisfação com a vida dos mesmos.

Este trabalho apresenta algumas limitações quanto aos instrumentos adotados e ao design do estudo. Quanto aos instrumentos, o *questionário sobre a conjugalidade dos pais* (QCP) como tem uma estrutura unifatorial dá-nos resultados globais, contudo outros questionários com fatores diferenciados da conjugalidade, dar-nos-iam resultados mais específicos sobre dimensões que constituem a conjugalidade como é por exemplo, o caso da *Escala de avaliação da satisfação em áreas da vida conjugal* (EASAVIC), desenvolvida por Narciso e Costa (1996), que avalia a intimidade, a rede social, a autonomia, o conflito, as funções familiares e os tempos livres (Fortunato, 2009). Ainda no que toca aos instrumentos, o *Questionário sobre as experiências em relações próximas* (ERP) não avalia se a relação retratada se trata efetivamente de uma relação de vinculação, uma vez que nem todas as relações conjugais são relações vincutivas. Também Moreira (2006) constatou nas limitações do seu estudo, que a adoção de uma perspetiva relacional na avaliação do estilo de vinculação, neste caso através do ERP, exige que as relações consideradas constituam efetivamente relações de vinculação, o que não aconteceu neste estudo, na medida em que não foi possível avaliar se o par amoroso é o elemento de vinculação. Contudo, este estudo tinha como pretensão comparar a percepção de satisfação conjugal dos pais com o evitamento e preocupação nas relações amorosas dos filhos e, sendo a amostra constituída maioritariamente por jovens adultos, muitos deles ainda não têm uma relação conjugal já estabilizada e suficientemente duradoura/consolidada.

Quanto ao design, os participantes deste estudo não responderam todos ao Questionário sobre as experiências em relações próximas (ERP), uma vez que somente os participantes numa relação amorosa procediam ao preenchimento da escala, e por isso, houve alguma discrepância entre a amostra total obtida ($N=172$) e os participantes numa relação ($n=96$), sendo que os 172 participantes (independentemente de estarem ou não numa relação amorosa) responderam ao Questionário sobre a conjugalidade dos pais e à Escala de

satisfação com a vida, enquanto os 96 participantes que estavam numa relação amorosa, responderam também ao questionário sobre as experiências em relações próximas. A amostra para os participantes numa relação foi obviamente insuficiente para analisarmos alguns resultados, e a existência de correlações com significância marginal, indica a necessidade de uma amostra mais alargada, capaz de examinar as relações entre as variáveis em estudo de uma forma mais robusta.

Já que este estudo se foca nas perceções das relações, ter acesso à perceção dos dois namorados sobre a sua relação amorosa e ter a perceção dos próprios pais sobre a sua relação conjugal seria o ideal, para uma visão mais complexa destas interações.

Também o tempo da relação amorosa dos participantes, não foi considerado neste estudo, uma vez que as relações dos jovens adultos podem não ser estáveis e prolongadas no tempo, embora se saiba que o tempo de duração da relação poderá relacionar-se com a vinculação.

Em estudos futuros é importante aplicar novamente o questionário sobre a conjugalidade dos pais (QCP) e comparar os resultados obtidos entre vários participantes, nomeadamente, envolver pais e filhos e utilizar outras medidas que avaliem a satisfação conjugal. Por outro lado, comparar a perceção de estilos conjugais de vinculação dos pais com a perceção dos estilos conjugais de vinculação dos filhos, seria igualmente importante para estudar repetições nesses padrões e avaliá-los longitudinalmente, no sentido de identificar se perpetuam ao longo do tempo, ou se, pelo contrário se modificam.

Alguns aspetos positivos devem ser sublinhados, nomeadamente a utilização do Questionário sobre a conjugalidade dos pais (QCP), instrumento ainda em adaptação, mas com potencial interessante, uma vez que na literatura sistémica a perceção da conjugalidade dos pais é uma dimensão muito importante que não tem sido avaliada empiricamente.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alarcão, M. (2002). *(Des)Equilíbrios Familiares*. Coimbra. Quarteto Editora.
- Azeiteiro, A. (2007). *Violência na conjugalidade. Narrativas de vítimas e agressores: das redundâncias às singularidades*. (Tese de mestrado não publicada). Universidade do Minho, Braga.
- Bayle, F. & Martinet, S. (2008). *Perturbações da parentalidade*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Bowlby, J. (1988), *A secure Base: Clinical applications of attachment theory*. Routledge. London.
- Brás, A. (2008). *A influência da alexitimia e do estilo de vinculação no desencadeamento e na manutenção da perturbação de pânico*. Tese de mestrado não publicada. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação de Lisboa, Lisboa.
- Brennan, K. A., Clark, C. L., & Shaver, P. R. (1998). Self-report measurement of adult romantic attachment: An integrative overview. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 46-76). New York: Guilford Press.
- Canavarro, M.C., Dias, P., Lima, V.S. (2006). A avaliação da vinculação do adulto: Uma revisão crítica a propósito da aplicação da Adult Attachment Scale-R (AAS-R) na População Portuguesa. *Psicologia*, 20(1), 155-186.
- Colaço, L. (2009). *Estilo de vinculação e satisfação na relação de namoro à distância*. Tese de mestrado não publicada. Universidade de Lisboa.
- Comin, F. & Santos, M. (2011). Ajustamento diádico e satisfação conjugal: Correlações entre os domínios de duas escalas de avaliação da conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24 (3), 439-447. Acedido em 6, novembro, 2012, em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722011000300007&script=sci_arttext
- Crespo, C. (2007). *Rituais familiares e o casal: Paisagens inter-sistémicas*. Tese de doutoramento não publicada. Universidade de Lisboa.
- Davies, P. T., & Cummings, E. M. (1994). Marital conflict and child adjustment: An emotional security hypothesis. *Psychological Bulletin*, 116(3), 387-411.
- Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J., & Griffin, S. (1985). The Satisfaction with Life Scale. *Journal of Personality Assessment*, 49 (1), 71-75.
- Fortunato, R. (2009). *Ecos da idade, sexo e nível sócio- económico em dimensões da conjugalidade – satisfação, vinculação/afetividade e proximidade*. Tese de mestrado não publicada. Universidade de Lisboa.

- Gomes, A. Ramalho, V. & Dias, I. (2010). *Treino de competências de vida em jovens atletas: Dados da eficácia de um programa de intervenção*. Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação de Investigação em Psicologia. Universidade do Minho.
- Gonçalves, M. (2008). *Terapia narrativa da re-autoria: O encontro de Bateson, Bruner e Foucault*. Braga: Psiquilíbrios.
- Gottman, J. M., Driver, J. & Tabares, A. (2002). Building the sound marital house: An empirically derived couple therapy. In Gurman, A. S & Jacobson, N. S. (Eds.), *Clinical Handbook of Couple Therapy* (pp. 373-397). New York: Guilford Press.
- Johnson, S. (2004). *The practice of emotionally focused couple therapy*. Second edition. New York: Brunner-Routledge.
- Markowitz, F.E. (2001). Attitudes and family violence: Linking intergenerational and cultural theories. *Journal of family violence*, 16(2),205 – 218.
- Mendonça, D. (2006). *Influências da família de origem na construção do laço conjugal no novo casal: Um estudo de caso*. Tese de mestrado não publicada. Faculdade de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio.Brasil. Acedido em 25, novembro, em http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=8577@1
- Mikulincer, M., Florian, V., Cowan, P. A., & Cowan, C. P. (2002). Attachment security in couple relationships: A systemic model and its implications for family dynamics. *Family Process*, 41(3), 405-434.
- Moreira, J. (2006). Será o estilo de vinculação específico para cada relação? Um estudo utilizando a teoria da generalidade. *Psicologia*, 20(1), 127-154.
- Moreira, J. M., Lind, W., Santos, M. J., Moreira, A. R., Gomes, M. J., Justo, J., Oliveira, A. P., Filipe, L. A., & Faustino, M. (2006). “Experiências em Relações Próximas”, um questionário de avaliação das dimensões básicas dos estilos de vinculação nos adultos: Tradução e validação para a população Portuguesa. *Laboratório de Psicologia*, 4(1), 3-27.
- Morin, E. (1990). *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Narciso, I. e Costa, E. (1996). Amores Satisfeitos, mas não Perfeitos. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 115-130.
- Neto, F. & Barros, J. (2001). Solidão em diferentes níveis etários. Estudos interdisciplinares de envelhecimento, Porto Alegre, 3, .71-88, 2001. Acedido em 8, novembro, 2012, em

- <http://www.iscet.pt/sites/default/files/obsolidao/Artigos/Solid%C3%A3o%20em%20diferentes%20n%C3%ADveis%20et%C3%A1rios.pdf>
- Neto, F. M. (1993). The satisfaction with life scale: Psychometric properties in an adolescent sample. *Journal of Youth and Adolescence*, 22(2), 125-134.
- Nichols, M. P. & Schwartz, R. C. (1998). *Family therapy. Concepts and methods (fourth edition)*. New York: Allyn & Bacon.
- Norgren, M. Souza, R. Kaslow, F. Hammerschmidt H. & Sharlin, S. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia*, 9 (3), 575-584. Acedido em 6, novembro, 2012, em <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n3/a20v09n3.pdf>.
- O'Keefe, M. (1998). Factores mediating the link between witnessing interparental violence and dating violence. *Journal of family violence*, 13(1), 39-57.
- Pallant, J. (2001). *SPSS survival manual: A step by step guide to data analysis using SPSS for Windows*. Philadelphia: Open University Press.
- Pinto, M. (2009). *Intimidade em Adolescentes de diferentes grupos étnicos*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- Pontes, F. Silva, S. Garotti, M. & Magalhães, C. (2007). Teoria do apego: Elementos para uma conceção sistémica da vinculação humana. *Aletheia*, 26, 67-79.
- Portugal, A. & Alberto, I. (2010). O papel da comunicação no exercício da parentalidade: Desafios e especificidades. *Psychologica*, 52(2), 387-400.
- Rocha, I. (2012). *O adolescente e o seu ambiente familiar: Interrelações da religiosidade, da satisfação com a vida, da sintomatologia depressiva-ansiosa e do ambiente familiar*. Tese de mestrado não publicada. Universidade de Lisboa.
- Sampaio, D. & Gameiro, J. (2005). *Terapia Familiar*. Porto: Edições Afrontamento.
- Sampaio, D. (2006). *Inventem-se novos pais*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Sampaio, D. (2012). *Labirinto de mágoas- As crises do casamento e como enfrentá-las*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Santos, A. Moré, C. (2011). Impacto da violência no sistema familiar de mulher vítimas de agressão. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(2), 220-235.
- Sequeira, J. (2012). *Narrativa, mudança e processo terapêutico: Contributos para a clínica e para a investigação sistémicas*. Tese de doutoramento não publicada. Universidade de Coimbra.
- Silva, A. Marturano, E. (2010). Procedimento de avaliação em terapia de casais a partir de múltiplos instrumentos. *Temas em Psicologia*, 18(1), 31-44.

- Silva, I. Menezes, C & Lopes, R. (2010). Em busca da “cara-metade”: Motivações para a escolha do cônjuge. *Estudos de Psicologia*, 27(3), 383-391.
- Skuja, K. Halford, W. (2004). Repeating violence in men’s family of origin and conflict management in dating couples. *Journal of interpersonal violence*, 19 (6), 623-638.
- Souza, V. & Silva, L. (2005). *Conjugalidade dos Pais e Projeto de Vida dos Filhos Frente ao Laço Conjugal*. Acedido em 8, novembro, 2012, em http://www.pucrio.br/pibic/relatorio_resumo2007/relatorios/psi/psi_vanessa_augusta_souza_luciana_janeiro_silva.pdf
- Vaz, A. (2011). *Vinculação conjugal e estilos parentais em pais de filhos com e sem deficiência visual*. Tese de mestrado não publicada. Universidade de Lisboa.
- Ziviani, C. Carneiro, T. Magalhães, A. (2011). A percepção dos filhos sobre a conjugalidade dos pais: Características distintas de um modelo de medida. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(1), 28-39

7. APÊNDICES

Apêndice 1: Tabela das medidas descritivas por escalas

Apêndice 2: Bateria de Instrumentos

Apêndice 1
Tabela das medidas descritivas por escalas

Tabela das medidas descritivas por escalas

	N	M	DP	Mín.	Máx.	Amplitude Possível	α
Perceção da conjugalidade dos pais	168	3.59	0.66	1.31	5.00	26 – 130	.90
Satisfação com a vida	172	5.00	0.92	2.00	7.00	5 - 35	.73
Evitamento	77	2.38	0.92	1.00	4.17	18 – 126	.91
Preocupação	80	2.77	0.88	1.72	6.28	18 - 126	.84

Apêndice 2
Bateria de Instrumentos

Consentimento Informado

Os questionários deste protocolo fazem parte de um estudo cujos objetivos principais passam por aceder à perspectiva dos estudantes universitários sobre a conjugalidade dos pais e as experiências em relações próximas.

Aceito participar no presente estudo, porque tomei conhecimento dos seus objetivos e do que tenho de fazer para nele participar.

Informaram-me que podia recusar participar ou interromper a minha participação, e de que a minha recusa não terá consequências para mim.

Ainda me foi garantido que todos os dados recolhidos serão usados exclusivamente na investigação e que será mantido o anonimato.

Assinatura do participante:

Assinatura do orientando:

Assinatura do orientador da investigação:

Data : __/__/__

Questões sociodemográficas

Idade (em anos): _____

Sexo: Masculino _____ Feminino _____

Curso: _____

Ano que frequenta: _____

Nacionalidade: _____

Constituição do agregado familiar atual (coloque uma cruz na opção correta):

Pai _____

Mãe _____

Irmãos _____

Avós _____

Marido/Mulher _____

Namorado (a) _____

Outros _____ Quem? _____

Está numa relação?

Sim _____ Não _____

Caso responda sim, especifique o tipo de relação:

Namoro _____

União de fato _____

Casamento _____

Caso responda sim, o seu relacionamento é:

Heterossexual _____

Bissexual _____

Homossexual _____

Segue alguma religião? Se sim, escreva qual a sua religião; se não, por favor escreva
“não” _____

Se segue uma religião, até que ponto essa religião é importante na sua vida diária?

NADA IMPORTANTE	1	2	3	4	5	6	7	EXTREMAMENTE IMPORTANTE
-----------------	---	---	---	---	---	---	---	----------------------------

O questionário da página 7 e 8 (ERP), com as respetivas versões (masculina e feminina) deve ser respondido apenas se respondeu que está numa relação.

QCP

Por favor, responda a cada questão de acordo com a sua impressão sobre a relação conjugal dos seus pais, marcando a alternativa mais próxima do que se recorda. Caso os seus pais se tenham separado e voltado a casar quando ainda era muito novo, escolha o casal (pai/madrasta ou mãe/padrasto) com o qual mais conviveu como referência para responder o questionário. Caso tenha crescido com um outro casal (tios, avós ou padrinhos) ou só com um dos pais (pai ou mãe), escolha o casal que ocupou o lugar mais importante ao longo do seu crescimento. Em qualquer destes casos, indique a que casal se está a referir.

As minhas respostas referem-se a:

Pais

Pai e madrasta

Mãe e padrasto

<input type="checkbox"/> Outro casal	Especifique qual (por exemplo, tios, avós, padrinhos etc.)				
<input type="checkbox"/>	_____				
Idade: Homem _____ anos.	Idade: Mulher _____ anos.				
SITUAÇÃO CONJUGAL ATUAL DESTE CASAL					
<input type="checkbox"/> Casados	<input type="checkbox"/> Separados	<input type="checkbox"/> Viúvo	<input type="checkbox"/> Viúva	<input type="checkbox"/> Recasados: Homem	<input type="checkbox"/> Mulher
<input type="checkbox"/> Ambos					
Se separados/viúvo(a): sua idade à época _____ anos.					

Os meus pais faziam surpresas agradáveis ao outro.

Nunca Raramente Às vezes Geralmente Sempre

Os meus pais dividiam as responsabilidades no dia-a-dia.

Nunca Raramente Às vezes Geralmente Sempre

Os meus pais interessavam-se pelas questões um do outro.

Nunca Raramente Às vezes Geralmente Sempre

A relação dos meus pais parecia tensa

Nunca Raramente Às vezes Geralmente Sempre

Os meus pais expressavam seus sentimentos um pelo outro.

Nunca Raramente Às vezes Geralmente Sempre

Os meus pais demonstravam ser companheiros.

Nunca Raramente Às vezes Geralmente Sempre

Entre os meus pais existiam sérios conflitos não solucionados.

Nunca Raramente Às vezes Geralmente Sempre

Os meus pais abraçavam-se em frente aos filhos.

Nunca Raramente Às vezes Geralmente Sempre

Os meus pais costumavam ficar a conversar um com o outro.

Nunca Raramente Às vezes Geralmente Sempre

Os meus pais ridicularizavam-se mutuamente.

Nunca Raramente Às vezes Geralmente Sempre

Os meus pais costumavam rir juntos.

Nunca Raramente Às vezes Geralmente Sempre

Os meus pais tinham “brigas feias”.

Nunca Raramente Às vezes Geralmente Sempre

Os meus pais trocavam carinhos físicos.

Nunca Raramente Às vezes Geralmente Sempre

Os meus pais reclamavam um do outro.

Nunca Raramente Às vezes Geralmente Sempre

A relação dos meus pais parecia gratificante para ambos.

Nunca Raramente Às vezes Geralmente Sempre

Os meus pais agrediam-se verbalmente.

Nunca Raramente Às vezes Geralmente Sempre

Os meus pais beijavam-se à frente dos filhos.

Nunca Raramente Às vezes Geralmente Sempre

Os meus pais eram flexíveis para mudar as suas opiniões.

Nunca Raramente Às vezes Geralmente Sempre

Os meus pais contavam coisas engraçadas um ao outro.

Nunca Raramente Às vezes Geralmente Sempre

Os meus pais tinham dificuldade de comunicação.

Nunca Raramente Às vezes Geralmente Sempre

Os meus pais discutiam por causa de dinheiro.

Nunca Raramente Às vezes Geralmente Sempre

Os meus pais elogiavam-se mutuamente.

Nunca Raramente Às vezes Geralmente Sempre

Os meus pais partiam objetos quando discutiam.

Nunca Raramente Às vezes Geralmente Sempre

Os meus pais respeitavam as suas diferenças de opinião.

Nunca Raramente Às vezes Geralmente Sempre

Os meus pais pareciam sintonizados um com o outro.

Nunca Raramente Às vezes Geralmente Sempre

Os meus pais pareciam felizes com o seu relacionamento.

Nunca Raramente Às vezes Geralmente Sempre

QSCV

Instruções: A seguir, estão cinco afirmações com as quais pode concordar ou discordar. Utilizando a escala abaixo indicada, indique o seu grau de acordo com cada item colocando um (X) no número apropriado. Por favor, seja sincero(a) e honesto(a) na sua resposta.

Fortemente em desacordo	Desacordo	Levemente em desacordo	Nem de acordo nem em desacordo	Levemente de acordo	Acordo	Fortemente em acordo						
1	2	3	4	5	6	7						
1	Em muitos aspetos, a minha vida aproxima-se dos meus ideais					1	2	3	4	5	6	7
2	As minhas condições de vida são excelentes					1	2	3	4	5	6	7
3	Estou satisfeito(a) com a minha vida					1	2	3	4	5	6	7
4	Até agora consegui obter aquilo que era importante na vida					1	2	3	4	5	6	7
5	Se pudesse viver a minha vida de novo, não alteraria praticamente nada					1	2	3	4	5	6	7

Versão Feminina

Instruções: Por favor, leia cada uma das seguintes afirmações e avalie o grau em que cada uma delas descreve os seus sentimentos acerca das relações com os seus parceiros (p. ex., marido, namorado, companheiro, etc). Pense em todas as suas relações, passadas e presentes, e responda em termos de como geralmente se sente nessas relações. Responda a cada afirmação indicando o quanto concorda ou discorda. Assinale com um círculo o número correspondente à sua resposta, utilizando a seguinte escala:

	Discordo fortemente			Neutro/misto			Concordo fortemente		
	1	2	3	4	5	6	7	7	
1. Prefiro não mostrar ao meu parceiro como me sinto lá no fundo.	1	2	3	4	5	6	7	7	
2. Preocupa-me o ser abandonada.	1	2	3	4	5	6	7	7	
3. Sinto-me muito confortável em estar próxima dos meus parceiros.	1	2	3	4	5	6	7	7	
4. Preocupo-me muito com as minhas relações afectivas.	1	2	3	4	5	6	7	7	
5. Quando o meu parceiro começa a aproximar-se emocionalmente de mim, tendo a afastar-me.	1	2	3	4	5	6	7	7	
6. Preocupa-me que os meus parceiros não se preocupem tanto comigo como eu com eles.	1	2	3	4	5	6	7	7	
7. Sinto-me desconfortável quando um parceiro quer ser muito próximo.	1	2	3	4	5	6	7	7	
8. Preocupo-me bastante com a possibilidade de perder o meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7	7	
9. Não me sinto confortável ao “abrir-me” com os meus parceiros.	1	2	3	4	5	6	7	7	
10. Desejo muitas vezes que os sentimentos do meu parceiro por mim sejam tão fortes como os meus por ele.	1	2	3	4	5	6	7	7	
11. Quero tornar-me próxima do meu parceiro mas estou sempre a afastar-me.	1	2	3	4	5	6	7	7	
12. Quero muitas vezes unir-me completamente aos meus parceiros e isso, por vezes, afasta-os.	1	2	3	4	5	6	7	7	
13. Fico nervosa quando os meus parceiros se tomam demasiado próximos.	1	2	3	4	5	6	7	7	
14. Preocupa-me o estar sozinha.	1	2	3	4	5	6	7	7	
15. Sinto-me confortável ao partilhar os meus pensamentos e sentimentos íntimos com o meu parceiro	1	2	3	4	5	6	7	7	
16. O meu desejo de me tornar muito próxima por vezes, assusta as pessoas.	1	2	3	4	5	6	7	7	
17. Tento evitar tornar-me demasiado próxima do meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7	7	
18. Preciso de muitas manifestações de amor para me sentir amada pelo meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7	7	
19. Sinto que é relativamente fácil tornar-me próxima do meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7	7	
20. Às vezes sinto que pressiono os meus parceiros para mostrarem mais sentimento e mais empenho.	1	2	3	4	5	6	7	7	
21. Sinto dificuldade em permitir a mim mesma apoiar-me nos meus parceiros.	1	2	3	4	5	6	7	7	
22. Não me preocupo muitas vezes com o ser abandonada.	1	2	3	4	5	6	7	7	
23. Prefiro não ser muito próxima dos meus parceiros.	1	2	3	4	5	6	7	7	
24. Se não consigo que o meu parceiro mostre interesse por mim, fico perturbada ou zangada.	1	2	3	4	5	6	7	7	
25. Conto praticamente tudo ao meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7	7	
26. Penso que o meu parceiro não se quer tornar tão próximo como eu gostaria.	1	2	3	4	5	6	7	7	
27. Costumo discutir os meus problemas e preocupações com o meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7	7	
28. Quando não estou envolvida numa relação, sinto-me um pouco ansiosa e insegura.	1	2	3	4	5	6	7	7	
29. Sinto-me confortável ao apoiar-me nos meus parceiros.	1	2	3	4	5	6	7	7	
30. Fico frustrada quando o meu parceiro não está comigo tanto tempo como eu gostaria.	1	2	3	4	5	6	7	7	
31. Não me importo de pedir aos meus parceiros conforto, conselhos ou ajuda.	1	2	3	4	5	6	7	7	
32. Fico frustrada se os meus parceiros não estão disponíveis quando eu preciso deles.	1	2	3	4	5	6	7	7	
33. Ajuda-me poder contar com o meu parceiro nas situações de necessidade.	1	2	3	4	5	6	7	7	
34. Quando os meus parceiros me desaprovam, sinto-me muito mal comigo mesma.	1	2	3	4	5	6	7	7	
35. Recorro ao meu parceiro para muitas coisas, incluindo conforto e segurança.	1	2	3	4	5	6	7	7	
36. Fico ressentida quando o meu parceiro passa tempo longe de mim.	1	2	3	4	5	6	7	7	